

JERUSA ALVES CUTY¹

Em poucas páginas, mais especificamente 61, “Em busca do real perdido” inicia-se com uma instigante pergunta: “O que é o real?”. Assim, o conteúdo da obra é fruto de uma conferência inaugural do evento *Citéphilo*, que tinha por tema a pergunta “*Quel réel?*” (Que real?), do qual o filósofo, nascido no Marrocos, participou. O autor vive em Paris e é considerado um dos maiores pensadores da atualidade. Junto com Deleuze, Foucault e Lyotard, fundou o Departamento de Filosofia da Universidade Paris 8, onde lecionou. Aluno de Althusser e de Lacan, seu pensamento foi fortemente marcado pelo marxismo e pela psicanálise.

Na primeira parte, o autor vai tecendo considerações a respeito do que é o real. Ele transita, por conseguinte, entre perguntas filosóficas, a exemplo de “Será preciso aceitar como uma lei da razão que o real exige uma submissão mais do que uma invenção?” (BADIOU, 2017, p. 8). Em seguida, constrói e desvela as marcas e os fios constitutivos das definições que suscitam uma perda ou subtração do real. Leva-nos, assim, a uma decisão de pensar o real como uma hipótese, mas não como uma apresentação do próprio real. Por isso, o poder de intimidação do uso da palavra “real” vai levantar precisamente um verdadeiro real, autêntico e concreto, que o pensador apresenta-nos como “as realidades da economia do mundo”.

Ancorado na precisão de sua argumentação, na rica exemplificação e na potencialidade de sua análise, o filósofo leva o leitor a perceber que há uma economia mundial que intimida, além de um discurso econômico que se apresenta como o guardião e o fiador do real. Diz, portanto, que se tem uma economia opressiva do real, alertando-nos para uma sofisticada rede de desenvolvimento que nos afeta em nossas atividades humanas, mentais e práticas, mantendo o referido real. Eis que o autor examina se esse real possibilita um imperativo de submissão ou de emancipação de cada indivíduo envolvido no mundo.

1 Mestranda em Teorias e Culturas em Educação da PUC-RS. Bolsista Capes. Especialista em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa pela UFRGS. Licenciada em Letras pela UFRGS. Professora do Colégio Anchieta em Porto Alegre.

A partir das questões filosóficas mencionadas, encontramos a citação da alegoria da caverna de Platão, que representa para os seres humanos um mundo fechado sobre uma figura real que é uma falsa figura. Esta é a representação do “semelhante”, ou ainda, do que o autor chama de aparência fingida que se dá por real, com a qual ele resgata o que o filósofo grego aponta ser preciso para sair da caverna, para escapar do lugar que esse semelhante organiza sob a forma de um discurso impositivo, que acorrenta e nos obriga a ficar imóveis.

Relacionando com os discursos da economia neoliberal brasileira ou mesmo mundial, encontramos uma realidade que só nos impede de uma saída possível e nos fixa ainda mais em uma posição de vítimas intimidadas e submissas pela pretensa realidade desse semelhante. A obra, nesse ponto, problematiza que a hegemonia da coação econômica não passe, no fundo, de um semelhante; porém, alerta ao leitor sobre a necessidade de se escapar desse lugar que se organiza sob a forma desse discurso impositivo.

Consciente de que a matriz grega lhe fornece as bases estruturantes do pensamento filosófico, o autor ainda nos fornece importantes nomes da longa tradição filosófica, citando Leibniz, Kierkegaard e Hegel, para chegarmos à subjetividade do termo “real”. Em sua análise, esse contato com vários expoentes serve para descrever o encontro com as definições que foram surgindo ao longo de anos de estudo sobre o real.

Em sua abordagem comparativa e interdisciplinar, o pensador ainda explora os estudos de Lacan, através da psicanálise, que trouxeram também a promoção da palavra “real”. Trata-se, pois, de mostrar que, quando caem as defesas organizadas do imaginário, pelo semelhante, a angústia passa a estar na ordem do dia. Somente ela não engana, e o sujeito exposto deve pagar o preço por sua ousadia.

Sob esse aspecto, o filósofo leva-nos a refletir sobre os escândalos como uma espécie de desvelamento de uma parte do real, desde que essa seja uma escandalosa exceção. Isso posto, temos como um sintoma interessante em nossa década os escândalos de corrupção amplamente divulgados pela mídia e reiteradamente vistos como patologias sociais. No entanto, mais e mais tornam-se como evidências de que precisamos nos educar e educar os outros na direção da opinião livre e bem fundamentada sobre o real.

Não obstante, a divulgação de tantos casos de corrupção ganha o viés de uma norma, a qual o autor nos leva a crer que, como revelação do real, pode ser, de algum modo, uma encenação de uma parte do próprio real no “papel de uma exceção do real”. Ilustre-se, aqui, a nossa vida brasileira, com alguns momentos de

teatralização nos depoimentos para a justiça e as delações premiadas dos sentenciados pelo Ministério Público Federal. Dá-se desse palco um petisco à opinião pública para que ela volte fundamentalmente à sua submissão àquilo que no fundo é a lei do mundo: a onipresença da corrupção.

Da análise dessas definições consistentes, unidas a exemplificações pertinentes problematizadoras da vida em nosso país e no mundo, emerge um panorama do real. Assim, o filósofo constrói um processo singular de pensamento em diagonais, o qual divide em três momentos ao longo de sua obra: 1) uma anedota; 2) uma definição; 3) um poema.

Na primeira, temos a morte de Molière, com a qual um doente imaginário é representado por um doente real, e a morte de um acarreta a impossibilidade da morte do outro. Tem-se, então, o real surgindo com uma força extraordinária justamente no momento de seu “semelante”, o imaginário doente, ser eliminado, desmascarado pela doença real. A partir desse ponto, o autor nos remete ao teatro, citando Pirandello e seu importante trabalho sobre a hipótese da “Máscara nua”, em que “toda máscara é a máscara de uma máscara, de maneira que tirar uma máscara exigiria tirar uma outra, sem que jamais se chegue ao real nu” (BADIOU, 2017, p. 25). Por conseguinte, essa metáfora nos leva a novos questionamentos: qual é o semelante do capitalismo imperial mundializado? Sob que máscara ele se apresenta que impede que sua identificação o divida?

Como resposta, a obra subverte o que muitos já disseram e chega à democracia. Essa é a máscara, segundo o filósofo, que funciona em nossas sociedades de uma maneira institucional, estatal, regular, normatizada. Retomando a metáfora da morte de Molière, temos com o capitalismo uma peça bem representada cujo título é “A democracia imaginária”, título de uma das peças do ator. Enquanto ela dura, o processo mundializado do capitalismo e da pilhagem imperial que prossegue são convocados; no entanto, o seu real fica impalpável, sem nenhuma possibilidade de arrancar essa máscara, de interromper essa peça, ainda que nos subjugue como espectadores.

Na segunda diagonal, o filósofo apresenta ao leitor a definição do real proposta por Jacques Lacan: “o real é o impasse da formalização”. Relacionando-a de forma improvável com os cálculos matemáticos, o autor nos faz entender que o real é atingido não através do uso da formalização, já que é justamente o impasse dela, mas quando se explora aquilo que é impossível para essa formalização, no caso da aritmética, o número infinito. Assim, esse torna-se o real da aritmética.

Somado a esse exemplo ímpar, também encontramos a citação de André Bazin, o qual comenta que o real de uma imagem cinematográfica é aquilo que está fora de campo. Os dois exemplos levam-nos à ideia do filósofo de que devemos nos perguntar: “qual é o real da política?” (BADIOU, 2017, p. 32). Ela o é tal como o Estado a prescreve, constitucional, autorizada, e é rejeitada para a impossibilidade de seu poder real. No entanto, justamente a “possibilização do impossível só é conceitualmente impossível no âmbito da formalização concernida: os cálculos matemáticos, o enquadramento no cinema, o Estado em política”. O que nos leva a crer, com essas analogias, que a potência da formalização seja destruída em proveito de seu real latente, momentaneamente.

Na terceira diagonal, o autor parte de um poema de Pasolini, cineasta italiano, o qual escreveu “As cinzas de Gramsci”. Cita-o porque este desenvolveu o seu texto sobre o período que vai da solidez do comunismo stalinista a seu descrédito total e sua derrocada, discurso em que Pasolini se pergunta sobre o que é o real da História. A partir da obra desse também poeta, nos é proposto que “um certo real de nossa história [...] terá sido o operador de divisão [...] de nossa historicidade singular, aquela que, em definitivo, gira ao redor da perenidade dos Estados” (BADIOU, 2017, p. 39).

Comparativamente, o filósofo também nos remete à reflexão sobre o real nos cemitérios, posto que neles, como ocorreu com Gramsci, há o exílio de pessoas conforme sua crença ou não crença, suas condições econômicas e sociais. Podemos, pois, pensar as acrópoles como lugares em que o real, sendo o impossível, o seu longínquo segredo, segregá os que neles são postos. Para descobri-lo é preciso sair da vida, sair da caverna, retomando Platão.

Ainda com uma longa análise do poema de Pasolini, a obra nos leva ao tema do que é o real, inscrevendo-o também no valor de qualquer verdade, pois “verdade” é uma palavra que pode vir no lugar da palavra “real”. Frente a essa afirmação, temos, provavelmente, uma lição importante a tirar sobre o que é o real da história atual em que estamos inseridos. Em um Brasil de tantos descaminhos, com a votação de medidas provisórias e com a derrubada de direitos que modificam a vida de muitos, o pensador nos faz refletir que é preciso, de agora em diante, dissociar história e política. Isso é posto porque, em política, o real só será descoberto se renunciarmos à ficção historiadora, ou seja, é um equívoco acreditar que a História trabalha para nós, ou mesmo que nos leve a uma emancipação das ideias e das atitudes.

Para tanto, o autor nos propõe que, a partir desse distanciamento, podemos sim trabalhar com paixão, arrancando a máscara do semelhante democrático.

Aqui, como alternativas, primeiramente, o filósofo propõe experimentarmos formas democráticas completamente diferentes. Em segundo lugar, ele lança a ideia de que é preciso inventar e encontrar formalizações consistentes do capitalismo e do imperialismo tais como estão hoje. Como terceiro e último gesto, o autor afirma que é preciso propor um balanço do século XX; no entanto, feito do ponto de vista de quem não renuncia, para filtrar o que ocorreu naquilo que não poderia ocorrer.

Em sua conclusão, a obra nos leva à chave de acesso ao real, a qual é, ao fim e ao cabo, a potência de uma dialética afirmativa. Metaforicamente, o autor se utiliza novamente de um outro poema de Pasolini, “Vitória”, no qual a voz do eu-lírico demonstra ser ele um órfão da História, mas tenta manter a paixão pelo real. No entanto, ao contrário da visão pessimista do poema utilizado, o filósofo mantém sua postura otimista, dizendo que “apesar dos lutos que o pensamento nos impõe, buscar o que há de real no real pode ser, é, uma paixão alegre” (BADIOU, 2017, p. 61).

Referências

BADIOU, A. *Em busca do real perdido*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Submissão em: 31/05/2017

Aprovação em: 26/07/2017